



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: SABERES SOBRE A LEITURA DE LITERATURA NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO**

Francineide Batista de Sousa Pedrosa – Mestranda/UFRN – Capes

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (neidebatistadesouza@hotmail.com)*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo discutir a formação inicial docente para o ensino da leitura de literatura no ciclo da alfabetização, a partir das falas das professoras entrevistadas. Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado: *Formação inicial docente, leitura de literatura e alfabetização: diálogos entrelaçados*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tem como objeto de estudo a formação inicial do pedagogo e a leitura de literatura no ciclo da alfabetização. Destacamos a importância da pesquisa, sobretudo para o curso de Pedagogia, visto ser o pedagogo o responsável por inserir na sala de aula os estudos sobre a literatura; acreditamos que o texto literário ajuda no desenvolvimento intelectual, individual e social das crianças. O material de pesquisa é composto pelas falas das professoras que foram gravadas em áudio, obedecendo a metodologia da Entrevista Compreensiva (KAFMANN, 2013). Como aporte teórico, utilizamos para a formação inicial docente: Tardif (2002), Imbernón (2011); leitura de literatura: Amarilha (2010; 2013), Yunes (2010); alfabetização: Ferreiro (2011), dentre outros. Como resultados parciais as professoras trazem em suas falas, indícios de que a formação inicial docente não prepara suficientemente o profissional pedagogo para a atuação em sala de aula no que se refere ao ensino da leitura de literatura no ciclo da alfabetização, sendo necessária a complementação de seus conhecimentos por meio de aperfeiçoamento, busca de outros materiais de estudos e interação entre seus pares.

**Palavras – chave:** formação inicial docente, leitura de literatura, alfabetização.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo Imbernón (2011), muitos trabalhos sobre a profissão docente foram feitos nas últimas décadas, e em se tratando de formação de professores esse é um tema que ainda deve ser bastante debatido, contextualizado e elevado a eixos de reflexões, pois trata-se de um “conhecimento profissional”, portanto inacabado e em constante mutação.

O professor nem sempre sai do universo acadêmico pronto para atuar. É o seu fazer cotidiano, juntamente com seus alunos, que vai moldando esse ser professor. No entanto, ele precisa trazer consigo uma bagagem de conhecimentos que deverá ser adquirida durante a sua formação para que possa aplicá-la no seu dia a dia.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Segundo Schaffel (2013, p. 109), além da trajetória escolar, “a experiência docente é um dos polos responsáveis pelo processo de socialização profissional do professor”; enquanto mais experiências o docente tiver, mas facilmente ministrará suas aulas; sendo que a experiência depende da interação entre formação profissional e espaço escolar.

Já que o profissional pedagogo está apto para trabalhar nos anos iniciais em todas as disciplinas, como se dá a sua formação, por exemplo, no que se refere às aulas de leitura de literatura no ciclo da alfabetização? Diante desse questionamento elaboramos como objetivo para esse trabalho discutir a formação inicial docente dos pedagogos para o ensino da leitura de literatura no ciclo da alfabetização, a partir das falas das professoras entrevistadas.

Entendemos ser muito importante o ensino da leitura de literatura durante os primeiros anos escolares, e a formação inicial do professor deve ser levada em consideração bem como o desenvolvimento de um trabalho efetivo nessa área de atuação pedagógica. “É preciso termos clareza de que os primeiros professores de nossas crianças são os pedagogos” (AMARILHA, 2013, p. 131), e por isso justificamos a presença da literatura na Pedagogia.

O ensino da literatura é primordial para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos do indivíduo, e a leitura literária, além de despertar os sentidos, as emoções, desencadeia também os aspectos da experiência humana em um processo conjunto entre escritor e leitor. “O objetivo da literatura é representar a existência humana, mas a humanidade inclui também o autor e seu leitor.” (TODOROV, 2012, p. 86).

A escola, na maioria das vezes, não se aproveita desse aparato que nos oferece a leitura de literatura e acaba usando o texto literário apenas com intuítos gramaticais, esquecendo-se de que ele produz conhecimento, comunica fatos, ou seja, é uma atividade que amplia a capacidade recepional do leitor, baseada na experiência estética do texto. Segundo Amarilha (2013, p. 79), a literatura produz conhecimento na medida em que “[...] o leitor atua elaborando sentido ao que lê: completa cenários, desenha imagens de personagens, imagina a pulsação dos sentimentos daqueles que fazem a trama do texto...”

Ainda segundo a autora, a literatura possui elementos que interagem com o leitor, sendo além de receptiva, comunicativa, pois tanto o leitor atribui significado ao que lê como compartilha conhecimentos por meio das informações oferecidas pelo texto. A literatura provoca sensações, sentimentos, por isso carrega em si múltiplas capacidades de enunciação, e deve ser trabalhada na escola, principalmente nos três primeiros anos de escolarização.

Colomer (2007) elenca três perspectivas de valores formativos que determinam o seio de uma cultura leitora: primeira, a leitura de





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

literatura tem o objetivo de contribuir com a formação dos indivíduos, e está diretamente ligada a inserção destes na sociedade por meio da atividade humana realizada no ato da leitura.

Na segunda perspectiva, a autora afirma que o contato com diversos textos literários proporciona ao leitor um entendimento maior dos problemas sociais e culturais, pois os textos abordam questões filosóficas presentes na sociedade ao longo dos tempos. As problematizações características das diversas linguagens referentes ao ensino da literatura são pontos fundamentais que “[...] a educação literária dos alunos deve incluir, se se deseja formar cidadãos preparados.” (COLOMER, 2007, p. 31).

Por último, o texto literário não se dissocia, como se pensou durante algum tempo, das reflexões sobre a língua. Segundo a autora, existe nos dias atuais uma reivindicação a favor da relação entre ambos. “Atualmente se assiste a uma nova reivindicação da profunda inter-relação entre língua e literatura depois do divórcio iniciado com o abandono da retórica preceptiva do século XIX”. (COLOMER, 2007, p. 32),

Para a autora a justificativa para tal se dá em virtude do texto literário está nas pautas reflexivas da maioria dos programas curriculares e da mudança de nomenclatura de ensino da literatura para “educação literária”. Contudo, há um questionamento se de fato não mudou apenas de nome, ou se a proposta está sendo levada a sério nas escolas.

Diante desse contexto, situam-se as reflexões acerca do ensino da leitura de literatura na alfabetização. Se para Colomer uma das questões reivindicadas é a junção entre língua e literatura, faz todo sentido pensar na leitura de literatura como ação formadora do sujeito em processo de alfabetização. De acordo com Amarilha (2012, p. 79): “Uma educação para a leitura literária deve pressupor uma educação para a mudança de percepção sobre o mundo factual e sobre a própria linguagem”.

Sendo a alfabetização uma das necessidades básicas de aprendizagem (FERREIRO, 2011), a percepção sobre a linguagem é muito importante nesse período de escolarização, e juntar as associações sobre a descoberta da língua por meio do texto literário é bastante relevante no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Por meio da leitura de literatura os alunos constroem suas próprias concepções de mundo, ampliam seus vocabulários, e vivenciam sentimentos e emoções que só o texto literário pode proporcionar ao leitor.

Nesse processo de descoberta e aquisição da linguagem a mediação é muito importante. O professor é o responsável por facilitar o entendimento da língua oral e escrita, e de levar esse aluno a descobrir, por meio da leitura de



literatura, outros conhecimentos que subsidiarão ações futuras em relação à formação do leitor de literatura.

## **METODOLOGIA**

O trabalho segue a metodologia da Entrevista Compreensiva, que foi desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann e versa sobre um processo investigativo com base em um plano epistemológico vindo da etnografia. A entrevista compreensiva parte do princípio da observação dos elementos que compõem a investigação, sendo o campo e os dados da pesquisa, o passo inicial do pesquisador para a construção de uma teoria.

Os sujeitos da pesquisa são seis professoras da rede pública municipal da cidade de Natal/RN. A escolha dos sujeitos se deu por meio de questionário investigativo, aplicado em 30% das escolas que trabalham com o ciclo da alfabetização, e obedecendo a critérios de seleção como: formação no curso de pedagogia, atuação docente em turmas de alfabetização e no sistema público de ensino e formação acadêmica nos últimos cinco anos.

Para esse trabalho selecionamos uma das perguntas norteadoras utilizada pela pesquisadora para o trabalho dissertativo, que versa sobre a avaliação das professoras sobre a atuação docente na alfabetização, tendo como referência os conhecimentos sobre o ensino de leitura de literatura adquiridos no Curso de Pedagogia.

Após a escuta sensível da fala das informantes (que foram nomeadas no texto com nomes de mulheres poetas) construímos dois planos evolutivos e uma ficha de interpretação, subsídios importantes dentro da metodologia da Entrevista Compreensiva que ajuda o pesquisador a definir as categorias de análises utilizadas nas discussões sobre o tema.

Sobre a escuta sensível, Barbier (1998) nos diz que é um processo de tomada de consciência de valores implícitos na fala do outro. Ouvir na dimensão da descoberta dos valores humanos embutidos nas falas dos sujeitos requer sensibilidade para captar no discurso do seu interlocutor uma multiplicidade de sentidos presentes nas relações sociais, nos processos de interação e construção do conhecimento.

Observando esses elementos constituintes das falas dos sujeitos elaboramos os planos evolutivos, que segundo Silva (2006), são direcionamentos utilizados pelo pesquisador para concatenar as ideias principais do texto e não se distanciar dos dados na hora da escrita. É um marcador organizacional que situa o pesquisador dando-lhe um sentido de ordem, e está sujeito a modificações. “O plano é ressignificado na medida em que surge algo novo a ser colocado no lugar.” (SILVA, 2006, p. 45).





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

As fichas de interpretação são instrumentos utilizados para registrar as falas dos sujeitos, e possuem duas funções, segundo Kaufmann (2013): possibilitar o armazenamento de informações captadas *in lócus* e permitir a transcrição das ideias em sua fase inicial, sem deixar de ser um instrumento que dispensa um caráter de rigor.

As fichas de interpretação podem ser redigidas obedecendo ao critério de transcrição das falas dos sujeitos de um lado, e do outro, o posicionamento teórico que se alterna com as reflexões do pesquisador, e auxiliam na escrita final do trabalho. (KAUFMANN, 2013).

Dadas às informações, apresentamos a seguir dois planos evolutivos e uma ficha de interpretação, que auxiliarão nas categorias de análise e na discussão dos resultados. Lembramos também que esses planos se referem a um dos questionamentos da grade de perguntas que compõem a Entrevista Compreensiva, portanto um pequeno recorte da nossa dissertação. Os planos gerais do trabalho dissertativo envolvem toda a grade de perguntas.

Quadro 1: Planos evolutivos

<b>Plano evolutivo 1</b>	<b>Plano evolutivo 2</b>
Formação inicial docente: desafios e perspectivas <ul style="list-style-type: none"><li>✓ As lacunas nas disciplinas sobre leitura de literatura e alfabetização</li><li>✓ A insuficiência de conteúdos nas disciplinas</li><li>✓ A relação teoria prática</li></ul> As dificuldades em sala de aula <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Procura por materiais de pesquisa</li><li>✓ Aprendendo com profissionais mais experientes</li><li>✓ PNAIC como um caminho na busca de formação profissional</li></ul>	Leitura de literatura na alfabetização: desafios da formação inicial docente <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Leitura de literatura e alfabetização: a relação teoria prática</li><li>✓ Refazendo a prática pedagógica: os saberes da experiência</li><li>✓ PNAIC: uma porta aberta para a profissionalização docente</li></ul>

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A ficha de interpretação, apresentada a seguir, segue a mesma orientação dos planos evolutivos, atendendo, para esse artigo, apenas a um questionamento da grade de perguntas.

Quadro 2 – Ficha de interpretação

<b>Ficha interpretativa</b>
Leitura de literatura na alfabetização: os saberes da formação inicial e a prática pedagógica



## Profa. Clarice

Poderia ter sido trabalhado mais na formação [o ensino da leitura de literatura], porque uma disciplina é muito pouca, e é muito pouco tempo, é pouca coisa para um assunto assim tão importante.

## Profa. Cora

Trabalho com literatura na sala, mas eu sinto que ainda preciso estudar mais, buscar mais.

Eu acredito que a formação docente foi pouca, né, algumas coisas deixaram a desejar na questão da literatura em si, para trabalhar em sala de aula.

## Profa. Cecília

Você pode ir muito mais além do que só o que você aprendeu na faculdade, o professor tem a capacidade de procurar [outros] conhecimentos.

O professor tem que ir além. Faculdade não prepara a sua vida docente; a faculdade ensina, mas a sua profissão, ensina muito mais.

## Profa. Auta

Essas professoras estão sendo fundamentais pra mim, especialmente uma professora que está no primeiro ano como alfabetizadora, e a coordenadora pedagógica que já vem de vários anos como alfabetizadora.

## Prof. Zila

Você acaba tentando se apoiar ou em outros professores pedindo ajuda mesmo, aos seus materiais que você estudou no curso, de vez em quando eu me pego olhando algumas coisas pra ver se eu consigo fazer um planejamento diferente.

## Profa. Militana

Quando eu soube que ia ficar no primeiro ano, lá vai eu resgatar todos os textos do processo de alfabetização e procurar as coisas do PNAIC [Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa] pra poder me auxiliar melhor.

As professoras entrevistadas afirmam que a formação docente para o ensino de leitura de literatura na alfabetização não foi suficiente. Elas trabalham sim, a leitura de literatura em sala de aula, mas ainda de uma forma muito tímida, algumas se utilizam de conhecimentos adquiridos na academia, outras tiveram um acesso mais restrito devido às grades dos cursos de Pedagogia não ofertarem algumas disciplinas, e se limitam muito. Podemos refletir acerca dessas proposições:

- ❖ Como os professores lidam com os saberes ofertados no âmbito da formação inicial? (Ver **Imbernón**, sobre a formação inicial para a profissão docente).
- ❖ Qual a importância da literatura para os pedagogos? (ver **Amarilha; Yunes; Freitas**; sobre o trabalho com a leitura de literatura em sala de aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental).

Percebemos que as professoras buscam melhorar a sua prática espelhando-se em outros profissionais mais experientes, buscando em fontes de estudos e procurando uma forma de se profissionalizar, a exemplo da formação do **PNAIC**, que a maioria delas ou já participa como é o caso da profa. Cecília, ou deseja participar como nos afirmam as professoras em outras falas. Para refletir sobre essas colocações trazemos conceitos de **Tardif; Schaffel**; sobre os saberes dos professores e os conhecimentos adquiridos das interações sociais e a relação com a prática pedagógica. Para subsidiar a formação dos professores alfabetizadores temos o documento do **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)**, que as professoras afirmam ser um material de apoio utilizado na prática docente no que diz respeito ao processo de alfabetização das crianças.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

## RESULTADOS E DISCUSSÃO





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Segundo Imbernón (2011, p. 60), os desafios da formação inicial docente devem ser bastante discutidos, pois estão presentes no dia a dia dos profissionais e refere-se à aquisição dos conhecimentos básicos da profissão. E por se tratar de um conhecimento pedagógico básico, ligado diretamente à ação, a formação inicial se constitui, de fato, mediante o processo de formalização do trabalho “adquirido a partir da experiência que proporciona informação constante processada na atividade profissional”.

Sabemos que a formação inicial por si só não dará conta das demandas e desafios enfrentados pelos docentes nos espaços escolares, uma vez que o saber precisa ser formalizado consoante a experiência e a busca constante do professor, como observa a professora Cecília: “*o professor tem que ir além, faculdade não prepara a sua vida docente; a faculdade ensina, mas a sua profissão, ensina muito mais*”.

Segundo Tardif (2002, p. 15), “o saber dos professores é profundamente social e é, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e o incorporam à sua prática profissional para adaptá-lo e para transformá-lo”. Em outras palavras, e retomando a fala da professora Cecília, não compete apenas às instituições formadoras o encargo da formação do profissional, mas a uma série de fatores que contribuem nesse processo. “*Você pode ir muito mais além do que só o que você aprendeu na faculdade, o professor tem a capacidade de procurar [outros] conhecimentos*”.

O profissional da educação, no nosso caso, o pedagogo, não sai da sua formação com todos os conhecimentos de que necessita para exercer a sua prática pedagógica, ao contrário vai se formando, buscando, pesquisando e inovando as suas ações didáticas ao longo da atuação em sala de aula.

No entanto, vale ressaltar que uma boa formação docente traz um diferencial na melhoria das práticas pedagógicas. No tocante ao ensino da leitura de literatura no clico da alfabetização, objeto de estudo da nossa Dissertação, as professoras afirmam que os conhecimentos advindos da academia não são suficientes. A professora Militana ressalta: “*eu costumo dizer a qualquer um, que cinco anos de curso não foram suficientes para mim, nessas duas áreas (leitura de literatura e alfabetização)*”. E para sanar essas lacunas ela afirma que precisa pesquisar, voltar aos textos lidos na universidade, interagir com os seus pares, construir outras relações de aprendizagens.

A professora Clarice afirma que o ensino da literatura, por ser uma área de conhecimento tão importante “*poderia ter sido trabalhado mais na formação [e que só uma] disciplina é muito pouco*”. Ela se refere ao curso de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Pedagogia que cursou na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e que segundo ela, ofertou apenas uma disciplina de literatura infanto-juvenil.

Sobre a importância do ensino da leitura de literatura na formação dos pedagogos, Amarilha (2013, p. 131-132) enfatiza ser fundamental, pois os primeiros professores responsáveis pelo processo de alfabetização das crianças são os pedagogos e não os profissionais formados em Letras. Os pedagogos são responsáveis por “introduzir as crianças no universo da linguagem verbal, de conduzirem os primeiros anos escolares no gosto pela língua e no descobrimento das múltiplas possibilidades que ela oferece como caminho de desenvolvimento”.

Concordamos com a teoria de que a literatura é um fator primordial de desenvolvimento humano, intelectual e individual dos sujeitos e deve se fazer presente em todas as etapas de nossa vida; e permitindo-nos vivenciar as diversas experiências, aguça nossa imaginação e nos coloca frente ao outro em um processo de alteridade. Segundo Yunes (2010, p. 60), “a literatura nos oferece a vida em alteridade que ajuda a tomarmos posição, a fazermos escolhas, criticamente, com discernimento”.

É interessante perceber que as professoras entrevistadas reconhecem a importância da leitura de literatura e tentam desenvolver um trabalho eficaz, mesmo dentro de suas limitações, como nos relata a professora Cora: “*trabalho com literatura na sala, mas eu sinto que ainda preciso estudar mais, buscar mais*”, assumindo, assim, a posição de professora reflexiva, que pretende inovar e melhorar a sua prática.

A professora Auta também tem essa mesma visão: “*eu penso que estou caminhando numa perspectiva muito boa com eles, de inseri-los nesse mundo da literatura, mas que se eu tivesse tido mais conhecimento na minha graduação, nessa área, poderia estar trabalhando de uma forma melhor*”. É salutar que as docentes desenvolvam o trabalho com a leitura de literatura mesmo assumindo que a formação deixou lacunas, pois nos mostra a importância dada à formação de alunos leitores. Segundo Imbernón (2011), as lacunas acontecem porque a instituição não dá conta sozinha da formação do professor, pois a mesma acerca-se de conhecimentos do âmbito cultural, profissional, científico, contextual, pessoal, entre outros.

Para Imbernón (2011), as práticas educativas precisam proporcionar um conhecimento interativo que priorize as necessidades de mudança, a criação de estratégias e modos de intervenção, cooperação, reflexão. Percebemos nas falas das docentes pesquisadas que elas buscam esses procedimentos interativos, quando afirmam, a exemplo da professora

Zila que se apoia em outros profissionais mais





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

experientes: *“você acaba tentando se apoiar em outros professores pedindo ajuda mesmo”*.

Percebemos que a formação docente vai se aprimorando ao longo da vida profissional, a cada dia aparece um desafio que precisa ser superado, e a interação com um par mais experiente faz diferença na vida cotidiana do professor. Militana nos diz na maior simplicidade: *“eu me segurei muito aqui em uma professora antiga que tem aqui, ela é ótima e auxilia as meninas novatas nesse processo [de inserir leitura de literatura na alfabetização]”*.

Esse é outro desafio apontado pelas docentes: o processo de alfabetização. Para a professora Auta, a prática alfabetizadora é uma construção contínua que precisa ser aprimorada a cada dia: *“eu acho que eu posso melhorar e vou melhorar, à medida que a gente vai se formando alfabetizador e vai se apropriando de novos conceitos”*.

Sabemos que ensinar a ler e a escrever não é uma tarefa fácil. Conforme Ferreira (2011, p. 9), “a mais básica de todas as necessidades de aprendizagem continua sendo a alfabetização”; processo pelo qual as crianças aprimoram os seus conhecimentos sobre os textos escritos. E sendo uma necessidade básica, os educadores precisam se preocupar com a aquisição da leitura e da escrita pela criança.

A literatura desenvolve no ser humano as funções cognitivas a exemplo da imaginação, atenção, percepção, memória, e “oferece ao leitor ensaios para a vida, modos de resolução de conflitos, de diferenças, de diversidades sociais e culturais” (FREITAS, 2010, p. 107), a inserção da leitura de literatura no ciclo da alfabetização é extremamente importante, pois é nesse período que as crianças estão em processo de amadurecimento de suas percepções sobre a vida, sobre o mundo que as cercam.

Dessa forma, os três primeiros anos de escolarização da criança (alfabetização) merece uma atenção especial no que se refere à formação de valores, ao desenvolvimento das emoções, ao trabalho com as relações de alteridade, de descoberta da vida, e sabemos que a leitura de literatura, em especial, os contos de fadas, pode ajudar as crianças nesse processo de amadurecimento. A literatura enriquece a vida da criança, estimulando a imaginação e ajudando no desenvolvimento intelectual, cognitivo e emocional. (BETTELHEIN, 2015).

É válido salientar que as professoras demonstram em suas falas, uma preocupação com o processo de alfabetização das crianças. A professora Militana nos apresenta as suas dificuldades como alfabetizadora dizendo: *“quando eu soube que ia ficar no primeiro ano, lá vai eu resgatar todos os textos do processo de alfabetização e procurar as coisas do PNAIC [Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa] pra poder me auxiliar melhor”*.

A professora Zila também acha insuficientes as disciplinas ofertadas no curso, no tocante a alfabetização: *“eu acho que a gente deveria ter*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*mais disciplinas sobre isso que tratassem da alfabetização, porque são pouquíssimas”. E se a formação não é suficiente Militana entende que essa insuficiência vai refletir diretamente na sua prática: “eu entendo que a deficiência que eu tenho na minha formação vai de certa forma culminar num atraso para os meus alunos”.*

E para amenizar essa deficiência, que segundo elas, vai afetar diretamente os seus alunos, elas afirmam buscar em outros espaços a complementação para aprimorar as suas práticas. Percebemos na fala de Militana essa busca por complementação na sua formação, de forma que a sua prática atenda as necessidades de seus alunos. *“Quando eu cheguei na escola esse ano, eu fiz pressão na direção para que quando tivesse a inscrição do programa (PNAIC) pra eu entrar, justamente para cobrir essa lacuna, porque todas as minhas amigas que fazem parte do curso dizem que é muito importante e que auxilia demais nesse processo de alfabetização”.*

O *Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)* é um compromisso assumido pelos governos que garante a alfabetização para todas as crianças até os oito anos de idade. Suas ações correspondem a um “conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas que serão disponibilizados pelo Ministério da Educação e que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores”. (BRASIL, 2014, p. 11).

A professora Cecília participa do PNAIC pelo segundo ano já, e relata que é uma complementação muito válida que ajuda no desenvolvimento de sua prática em sala de aula, e na relação com o trabalho de leitura de literatura na alfabetização dos seus alunos.

Em suma, as professoras demonstram em suas falas que tanto o processo de alfabetização como a leitura de literatura são desafios enfrentados no cotidiano escolar e a formação inicial não dá conta de abarcar todas as instâncias da formação, sendo necessário ao professor buscar outros meios de conhecimento para subsidiar a prática pedagógica.

## **CONCLUSÕES**

Traçamos algumas considerações acerca das reflexões abordadas nesse artigo, lembrando que é apenas uma pequena parte do nosso estudo dissertativo, ainda em andamento. Percebemos que a leitura de literatura na alfabetização das crianças é uma das preocupações das docentes, por entenderem que o desenvolvimento de suas práticas constitui uma ação efetiva na sala de aula.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

A literatura, segundo as docentes, poderá contribuir no aprimoramento das crianças no que se refere ao processo de aquisição das diversas linguagens; e se a formação não supre as necessidades básicas para deixar o docente seguro de sua atuação pedagógica, conseqüentemente a aprendizagem de seus alunos também ficará prejudicada.

É bem verdade que a instituição sozinha não é responsável pelo fracasso formativo abordado pelas entrevistadas ao término da formação inicial, sabemos que vários outros fatores sociais, psicológicos, financeiros, profissionais, pessoais (IMBERNÓN, 2011), entre outros, contribuem para a existência das lacunas apontadas pelas docentes.

Algumas das entrevistadas afirmam que o trabalho com a literatura no curso de Pedagogia, tem um viés mais científico e a relação teoria-prática não apresenta um respaldo consistente que assegure ao pedagogo o valor da leitura de literatura no ciclo da alfabetização. A literatura infantil é utilizada sim na sala de aula, ou pelo menos as docentes percebem a importância dessa área de conhecimento na aprendizagem da leitura e escrita de seus alunos e no desenvolvimento dos processos cognitivos e intelectuais das crianças, no entanto, ainda se apresenta de forma incipiente, e as docentes não se sentem seguras ao abordar o assunto.

Sabemos que o ensino da literatura nos cursos de formação dos pedagogos se limita, em algumas instituições, a trabalhar conceito de literatura infantil, deixando a desejar na relação teoria prática, e na vivência com o texto em sala de aula, pois como nos afirma Amarilha (2011) o trabalho mais eficaz que pode ser feito com a literatura é ler literatura em sala de aula. O professor precisa ser um conhecedor de textos literários, ter contato com as obras, vivenciar as experiências literárias, e assim desenvolver uma boa mediação de leitura.

Enfim, esperamos que o nosso estudo possa contribuir de forma positiva com as reflexões acerca do ensino da leitura de literatura, e somado as muitas outras pesquisas desenvolvidas nessa área, possa trazer uma contribuição efetiva ao professor alfabetizador.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: educar para ler ficção na escola. 1. Ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

AMARILHA, Marly. História em quadrinhos e literatura na formação do leitor de ficção. In. AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e Leitura**: novas linguagens, novos leitores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. (Tradução Maria Amália Ramos) In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Tradução Arlene Caetano. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. [tradução Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. [Retradução e cotejo de textos Sandra Trabuco Valenzuela]. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, Alessandra Cardozo de. Leitura, literatura, inclusão: caminhos possíveis. In: AMARILHA, Marly. (org.) **Educação e leitura: redes de sentidos**. Brasília: Líber Livro, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SCHALFFEL, Léa Sarita. A identidade profissional em questão. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**. Vol. 26, nº 12, p. 31-50, maio/ago, Natal, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. (Tradução Caio Meira). 4 Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.